

Notas

Prefácio

1. Pope Leo XIII (papa Leão XIII), *Rerum Novarum (Da condição das classes trabalhadoras)*, trad. N.C.W.C. (Boston: Daughters of St. Paul, 1942).

2. *Ibid.*, p.44n; St. Thomas Aquinas (São Tomás de Aquino), *Summa Theologica* (Chicago: University of Chicago Press, 1952), I-II, Q.93, Art. 3 ad 2.

3. Pope Leo XIII, *op.cit.*, p.7.

4. Já em 1975-76, este autor prevenira sobre as políticas genocidas da facção neomalthusiana centralizada em torno de Henry A. Kissinger e na facção que ele representava dentro do governo dos Estados Unidos. Em 3 de novembro de 1976, na véspera da eleição, o autor alertou em um programa de televisão divulgado sobre a intenção genocida do Plano Paddock, que previa o fechamento das fronteiras mexicanas e políticas do tipo “deixem-nos berrar” e políticas semelhantes de George Ball.

Documentos desclassificados do Conselho de Segurança Nacional revelam que, a partir de 1974-77, Henry Kissinger e Brent Scowcroft (que se sucederam no posto de conselheiros de segurança nacional) elaboraram um plano estratégico para reduzir a população do Terceiro Mundo. O plano foi encaminhado ao então diretor da CIA, George Bush, dentre outros, para efetivação.

O Memorando-Estudo de Segurança Nacional 200 (NSSM-200), denominado “Implicações do crescimento populacional mundial para a segurança e os interesses internacionais dos EUA” e supervisionado por Kissinger em 1974, argumenta que os interesses de segurança nacional dos EUA exigem a imposição de controle ou redução da população dos países menos desenvolvidos, também chamados de Terceiro Mundo. Treze destes países são definidos como “vitais”, nos quais há um “interesse político e estratégico especial dos EUA”, que requer uma ênfase

especial. A principal razão para que estes estados nacionais sejam assim definidos é o fato de que os efeitos do seu crescimento populacional são considerados capazes de aumentar o seu poderio relativo nos cenários político, econômico, militar, regional e até mundial. Estes países vitais são: Índia, Bangladesh, Paquistão, Nigéria, México, Indonésia, Brasil, Filipinas, Tailândia, Egito, Turquia, Etiópia e Colômbia. Os países desta lista de alvos especiais, bem como os países em desenvolvimento em geral, são os que o autor e seus associados têm lutado por anos para defender exatamente contra tais políticas de controle populacional.

Um dos maiores receios de Kissinger é a possibilidade de que os líderes dos países menos desenvolvidos possam entender que os programas internacionais de redução da população são projetados para minar o seu potencial de desenvolvimento. Como ele diz: "Há também o perigo de que alguns líderes de países menos desenvolvidos visualizem pressões dos países desenvolvidos pelo planejamento familiar como uma forma de imperialismo econômico ou racial; isto poderia criar um sério retrocesso". Ele acrescenta: "É vital que o esforço para desenvolver e fortalecer compromissos por parte destes líderes não seja visto por eles como uma política de países industrializados para mantê-los fracos ou preservar recursos para uso pelos países 'ricos'. O desenvolvimento de tal percepção poderia criar uma séria reação adversa para a causa da estabilidade populacional".

Conseqüentemente, uma das grandes preocupações do relatório NSSM 200 é verificar a disseminação de idéias que sejam hostis para o controle da população e que demandem o desenvolvimento econômico como solução para problemas do Terceiro Mundo. De acordo com a definição de Kissinger, as idéias associadas com LaRouche são uma ameaça para a segurança nacional dos EUA.

Para realçar o crescimento perigoso dessas idéias, o documento apresenta o caso da Conferência sobre População Mundial de Bucareste, em agosto de 1974, onde Helga Zepp (hoje Sra. LaRouche) interveio para denunciar as políticas de controle populacional do Clube de Roma e, em particular, John D. Rockefeller. O documento lamenta que o Plano de Ação para a População Mundial da conferência fosse rejeitado por muitas destas nações, devido à disseminação de idéias antimalthusianas. O fracasso da conferência é uma das razões citadas para a preparação do relatório NSSM-200.

Com relação a esta conferência, o documento afirma: "Houve uma consternação geral quando, no início da conferência o Plano foi sujeito a um ataque devastador liderado pela Argélia, com o apoio de vários países africanos; pela Argentina, apoiada pelo Uruguai, Brasil, Peru e, mais limitadamente, alguns outros países latino-americanos; pelo grupo da Europa Oriental (exceto a Romênia); pela República Popular da China e pela Santa Sé.

Kissinger relata que as objeções ao Plano eram baseadas na idéia de que uma “Nova Ordem Econômica Mundial” poderia constituir uma base para o desenvolvimento social e econômico do antigo setor colonial. Memorandos emitidos pelo Conselho de Segurança Nacional naquele período definem o “sonho de que o desenvolvimento econômico resolva o problema” gerado pela suposta superpopulação como sendo o pensamento a ser erradicado. Trata-se de uma clara referência à intervenção de Helga Zepp em Bucareste e à influência mais genérica deste autor.

Kissinger esboça várias formulações para se contrapor a essas idéias. Por exemplo: “Os EUA podem ajudar a minimizar acusações de uma motivação imperialista por trás de seu apoio às atividades populacionais afirmando repetidamente que este apoio decorre de uma preocupação com: (a) o direito do indivíduo em determinar livre e responsavelmente o número e o intervalo de nascimento de seus filhos; e (b) o desenvolvimento social e econômico fundamental dos países pobres”.

Em 26 de novembro de 1975, Brent Scowcroft (que havia sucedido a Kissinger como conselheiro de segurança nacional, enquanto este continuava como secretário de Estado), publicou o Memorando Decisório de Segurança Nacional 314, que endossava o NSSM-200, fazendo dele a política oficial, ainda que dissimulada, da Administração Gerald Ford.

Em maio de 1976, o CSN lançou o seu “Primeiro Relatório Anual sobre Política Populacional Internacional dos EUA”, que examinava o progresso feito no ano anterior na implementação do memorando de Kissinger. O relatório secreto foi encaminhado ao então diretor da CIA, George Bush, para implementação.

Entre os achados do relatório estava o de que era difícil implementar a redução de população nos países do Terceiro Mundo sem uma forma adequada de governo draconiano: “Os pré-requisitos para o sucesso real, provavelmente, envolvem três métodos que são interrelacionados e se mostram bastante eficientes, como se segue: 1) uma direção forte por cima; 2) desenvolvimento de pressões da comunidades ou dos ‘pares’ por baixo...”

“Com relação a (1), os programas populacionais foram particularmente bem sucedidos onde os líderes tornaram claras, inequívocas e públicas as suas posições, ao mesmo tempo em que mantinham a disciplina desde o nível nacional ao municipal, determinando que os funcionários públicos (inclusive a polícia e os militares), médicos e incentivadores verifiquem se as políticas populacionais estão sendo bem administradas e executadas. Esta direção é o *sine qua non* de um programa efetivo. Em alguns casos, a direção forte envolveu incentivos, como pagamentos para quem aceitasse esterilização ou desincentivos, como dar menos prioridade à alocação de casas e escolas para as famílias maiores”.

Embora documentos relevantes de política populacional das administrações subsequentes de Carter, Reagan e Bush permaneçam secretos, as informações de domínio público indicam que o método esboçado nos

memorandos do CSN no período 1974-77 continuam sendo a política governamental dos EUA.

5. Ver Nicolaus of Cusa (Nicolau de Cusa), *On the Peace of Faith* (De Pace Fidei), trad. William F. Wertz, Jr., *EIR*, Vol.18, No. 1, Jan. 4, 1991, pp. 19-39; ou trad. Jasper Hopkins (Minneapolis: A.J. Banning, 1990), pp. 33-70; para o texto latino, ver *Nicolau de Cusa, Philosophical-Theological Writings*, Vol.3 (Vienna: John Herder & Co., 1982).

6. Ver Bal Gangadhar Tilak, *The Orion, or Researches into the Antiquity of the Vedas* (Poona, 1893; repr. Poona: Tilak Brothers, 1972); e *The Arctic Home in the Vedas, Being Also a New Key to the Interpretation of Many Vedic Texts and Legends* (Poona, 1903; repr. Poona: Tilak Brothers, 1956).

7. Platão faz uma distinção entre a hipótese da hipótese superior e o Bem. A hipótese da hipótese superior é exemplificada pelos tipos de ordenações transfinitas referidas nos capítulos do texto a seguir. Isto é o *Vir a Ser*, um *Vir a Ser* que é uma noção de uma ordenação transfinita de transformações, na direção de uma crescente perfeição ou decrescente imperfeição. O Bem, por contraste, é o estado da perfeição. Ele é, eficientemente, a idéia *imutável* da perfeição que governa o processo de mudanças na direção da perfeição crescente ou da imperfeição crescente. Para alguém que leia Platão, por exemplo, podemos dizer que o Bem tem a qualidade ontológica do ser, distinta da qualidade do *Vir a Ser*.

8. Lucas 19:40.

9. Ver LaRouche, *In Defense of Common Sense*, capítulos III-V.

10. Nancy Spannaus and Christopher White, *The Political Economy of the American Revolution* (New York: Campaigner Publications, 1977), p.380.

11. Ver Mathew Carey, *Autobiographical Sketches in a Series of Letters Addressed to a Friend Containing a View of the Rise in Progress of the American System, the Efforts Made to Secure its Establishment, The Causes Which Prevented its Complete Success* (Philadelphia: John Clark, 1829); e Henry C. Carey, *Principles of Political Economy*, Reprints of Economic Classics (New York: Augustus M. Kelley, 1965); e *The Harmony of Interests: Agricultural, Manufactures and Commercial* (Philadelphia: J.S. Skinner, 1851, reprinted by A.M. Kelley, 1967).

Para Friedrich List, ver. *Outlines of National Economy* (1827), *National System of Political Economy* (1837) (New York: Augustus M. Kelley, 1966; edição brasileira pela Editora Abril, na coleção Os Economistas, várias edições a partir de 1984). Também: Prof. Dr. Eugen Wendler, *Friedrich List - Politische Wirkungsgeschichte des Vordenkers der Europäischen Integration* (Oldenburg -Verlag, 1989). Embora defenda a tese de um mercado europeu único em 1992, o trabalho do Dr. Wendler foi escrito para dar um novo estímulo à pesquisa sobre a vida de List e suas idéias sobre a economia nacional.

12. Ver H. Graham Lowry, *How the Nation was Won, America's Untold History, Vol. 1, 1630-1754* (Washington, D.C.: Executive Intelligence Review, 1987), capítulos 5-8.

13. Pope John Paul II (papa João Paulo II), *Solicitudo Rei Socialis* (Da preocupação social) - Boston: Daughters of St. Paul, 1987 (edição brasileira das Edições Paulinas, 1987).

Introdução

1. Ver. Lyndon H. LaRouche Jr., "U.S. Policy toward the Reunification of Germany", *EIR*, Vol. 15, No. 40, Oct. 21, 1988, p.40, para o texto completo do discurso de 12/10/1988 de LaRouche sobre a reunificação alemã; reimpresso em *EIR*, Vol.17, No. 38, Oct. 5, 1990, p.23.

2. O presidente George Washington encarregou o seu ministro do Tesouro, Alexander Hamilton, de organizar estas políticas básicas para o governo dos EUA: um Banco dos Estados Unidos, para se contrapor à usura privada e assegurar crédito para os investimentos industriais e agrícolas privados; patrocínio nacional para o desenvolvimento de manufaturas, por meio de tarifas, patentes e outros meios; investimentos federais em canais, estradas, portos e outros tipos de infra-estrutura. Este programa geral, pessoalmente identificado com Washington e Hamilton, foi implementado pela facção política nacionalista até as administrações de Lincoln e Grant, sendo responsável pela industrialização dos EUA.

3. O líder rebelde católico irlandês Mathew Carey (1760-1839), um protegido de Benjamin Franklin em Paris, continuou a tradição política humanista de Franklin em Filadélfia, após a Revolução. Publicando diversos panfletos, Mathew Carey atacou Adam Smith e o Império Britânico, reavivou as políticas de Hamilton e instruiu seu filho Henry Carey e a segunda geração de nacionalistas americanos.

O filho de Mathew, Henry Carey (1793-1879), o mais conhecido economista norte-americano do século XIX, liderou o círculo nacionalista de Filadélfia, que construiu as principais ferrovias americanas e as indústrias de ferro, aço e máquinas. Abraham Lincoln aprendeu economia nos livros de Henry Carey, assim como muitos patriotas republicanos na Ibero-América, Europa e Ásia.

4. Henry Clay (1777-1852) foi o porta-voz público da economia política do "Sistema Americano" e da soberania nacional, em oposição explícita ao imperialismo. Clay criou o movimento pró-defesa, que salvou os EUA da agressão britânica em 1812. Liderando o Partido Whig contra a escravocracia sulista e os comerciantes anglófilos nortistas, ele fez o Congresso aprovar tarifas protecionistas, que transformaram a economia dos EUA. Abraham Lincoln atuou como representante político de Clay em Illinois antes de se tornar presidente dos EUA.

5. A liderança americana nacionalista baseada em Filadélfia adotou o líder republicano alemão exilado Friedrich List (1789-1846) como o seu

guia na ciência econômica, principalmente por meio de seu livro *Sistema Nacional de Economia Política*. Depois de ajudar a formar o grupo de Carey-Clay, List retornou à Alemanha, foi pioneiro das ferrovias e idealizou a União Alfandegária (Zollverein), que levou à unidade nacional e à grandeza industrial alemãs.

6. O conceito de guerra justa, desenvolvido principalmente por Santo Agostinho (354-430), pode ser resumido como se segue: 1) os erros são preferivelmente redimidos submetendo-se pacientemente à perda de vantagem temporal, para trazer a correção dos modos dos maus e, assim, vencer o mal com o bem; 2) a guerra deve ser feita apenas como um último recurso, já que é melhor guerrear com a palavra e buscar a paz por meio da paz, do que matar homens com a espada e conseguir a paz por meio da guerra; 3) contudo, o soberano legítimo de um Estado tem o direito natural de fazer guerra para defender o bem-estar comum; 4) esta guerra necessita uma causa justa na forma de algum dano causado e o fracasso de um acordo; e 5) em caso de uma causa justa, a guerra, para continuar justa, deve ter uma intenção correta e ser conduzida com misericórdia, no espírito de um pacificador.

Antes de os patriotas americanos travarem a sua Guerra da Independência contra o seu maligno adversário, o rei Jorge III e seus correligionários liberais, eles enviaram uma série de missões à Grã-Bretanha para tentar um compromisso com o monarca teimoso e seus conselheiros. Foi apenas depois que o rei Jorge III e o governo inglês se recusaram a aliviar as políticas econômicas que estrangulavam as colônias americanas, que foi feita a guerra.

7. Ver Lowry, *op.cit.* Por volta do início do século XVIII, o mesmo Leibniz, às vezes chamado de “último intelecto universal” da História, encontrava-se no centro não apenas dos principais círculos científicos do mundo, mas era também a principal figura intelectual dos movimentos políticos globais baseados na Europa. Entre estes, incluíam-se os círculos de Cotton Mather, Benjamin Franklin et al., nos futuros Estados Unidos. As redes conspiratórias de longo alcance de Franklin, a partir, aproximadamente, de 1766, constituíam, predominantemente, uma interseção de Franklin com as redes ainda ativas dos seguidores de Leibniz na Europa.

8. A guerra contra os Estados Unidos incluiu a Guerra de Independência de 1766-81, a Guerra de 1812, o papel do duque de Wellington ao dirigir as forças mexicanas na guerra com o México e, também, a Guerra Civil de 1860-65, que foi orquestrada pela Inglaterra, principalmente, com a intenção de dividir os Estados Unidos em vários baronatos em luta, que poderiam então ser conquistados pela Inglaterra.

9. Lowry, *op.cit.*

Capítulo I

1. Ver Lowry, *op. cit.*, capítulos 4 e 5 e *passim*.

Capítulo III

1. Ver "Powered Flight to Mars in Less than Two Days", Heinz Horeis, *EIR*, Vol. 14, No. 12, March 20, 1987, p. 18.

Para o caso em que a viagem espacial tripulada ocorra em uma aceleração/desaceleração constante de uma gravidade terrestre, propelida por um processo de fusão usando hélio-3, uma espaçonave poderia carregar combustível suficiente para uma viagem com retorno, aproximadamente, até o Cinturão dos Asteróides. Se usarmos a reação matéria-antimatéria, isto produz uma relação combustível-trabalho tal que a mesma nave seria capaz de atingir distâncias três ordens de magnitude maiores, aproximadamente, o que nos levaria aos extremos do Sistema Solar em uma viagem de ida e volta.

Capítulo IV

1. O termo "atrito tecnológico" se refere à depreciação ou desvalorização devida à obsolescência relativa ou marginal de ferramentas, equipamentos e outros itens, tornados menos competitivos em qualidade por estarem sendo superados por meios tecnológicos mais avançados. Isto é associado a uma diminuição relativa do valor do trabalho que utiliza o equipamento mais velho, com relação ao trabalho que usa o novo.

2. A consulta aos manuscritos originais no Arquivo Leibniz de Hanover estabelece não apenas que Leibniz completara o trabalho que levou à entrega dos originais com a primeira descoberta do cálculo diferencial a um editor de Paris em 1676, mas que, nesta época, antes da data da publicação, ele havia feito muitas outras descobertas avançadas ligadas ao tema, as quais são comumente atribuídas a outros autores, décadas depois da época de Leibniz.

Isto deve ser comparado com o exame dos papéis de Newton encontrados durante o século XX, nos quais foi descoberto que ele não fizera nenhum trabalho significativo para o cálculo, mas, em vez disso, tinha concentrado a maior parte de sua atividade de laboratório em experiências de magia negra. Ver Carol White, "Refuting the Second Law", *Fusion*, Vol. 8, No. 1, Jan-Feb. 1986, p.63.

3. A estrutura hipotética do núcleo atômico, desenvolvida pelo falecido Dr. Robert J. Moon, professor emérito da Universidade de Chicago e veterano do Projeto Manhattan, está apresentada em Laurence Hecht, "The Geometric Basis for the Periodic Table of the Elements" (*21st Century Science & Technology*, Vol. 1, No. 2, May-June 1988). O modelo de Moon é explicitamente derivado das considerações de Kepler sobre a estrutura do espaço-tempo e a necessidade de expressão da Seção Áurea, ou "Divina Proporção", como ele sempre se referia a ela.

4. A popularidade do livro-texto e do curso de aulas baseadas no livro-texto tem tendido a distrair a atenção da opinião moderna do fato de que antigamente, antes do desenvolvimento do livro-texto, praticava-se uma forma superior de educação, na qual o aluno devia retrabalhar as experiências originais com a orientação das fontes literárias originais e, assim reviver tão de perto quanto possível a experiência mental da descoberta original.

Capítulo V

1. A filosofia clássica divide a beleza em duas formas relacionadas, a “natural” e a “artística”. A beleza natural se refere às composições harmônicas que são congruentes com as formas características dos processos viventes sadios, distintos dos não-viventes. Estas formas naturais têm todas as ordenações harmônicas, em última instância, congruentes com a Seção Áurea da geometria (Ver Anexo III). Todas estas formas viventes dotadas da ordem harmônica são fisicamente (termodinamicamente) neguentrópicas. A mera imitação da natureza não é considerada beleza artística. A beleza artística consiste na criação de formas que são produtos daqueles aspectos criativos dos processos mentais humanos, por sua vez, responsáveis por descobertas fundamentais e válidas na ciência física. O outro requisito da beleza artística é que ela seja coerente com a beleza natural, embora dela distinta.

2. A definição de *criativo* aqui usada é aquela apresentada, *inter alia*, nos trabalhos do autor, *In Defense of Common Sense* e *Project A*.

Capítulo VI

1. G.W. Leibniz, *Monadology*, trad. George Montgomery (Peru, Ill.: Open Court Publishing Co., 1989), pp. 251-72.

2. Nesta parte da apresentação passo-a-passo dos conceitos relevantes, estamos enfatizando a ausência de qualquer comensurabilidade linear das unidades de densidade populacional potencial per capita entre as diferentes categorias da densidade populacional potencial. É o caso, porém, de que o valor numérico da densidade populacional potencial cresce com o progresso tecnológico realizado. Ver LaRouche, *In Defense of Common Sense*, Capítulo II.

3. Ver LaRouche, *Project A*.

4. Henry C. Carey, *op. cit.*

5. Por exemplo, uma simples curva de indiferença pode ser construída, comparando o custo líquido para a economia do transporte de carvão a longa distância por navio ou barcaça em canais interiores, vegetais foliares por ferrovia ou caminhão, e transistores por frete aéreo.

Capítulo VII

1. Para os escritos de Leibniz sobre economia física, ver Gottfried W. Leibniz, "Society and Economy", pp. 12-13, *EIR*, Vol. 18, No. 1, 4/1/1991. Ver também "On an Academy of Arts and Sciences", *Leibniz Selections*, Philip P. Wiener, ed. (New York: Charles Scribner's Sons, 1951), pp.594-99.

2. Ver LaRouche, *In Defense of Common Sense*, capítulos III-V.

3. Para não deixar nenhuma margem razoável a objeções acadêmicas de especialistas matemáticos relevantes, as questões representadas pelos dois corolários citados podem também ser representadas em termos diferentes, colocados diferentemente, mas equivalentes aos que acabamos de citar anteriormente. Resumimos esta representação alternativa do paradoxo do formalismo e deixamos, então, que o leitor volte ao argumento em desenvolvimento.

Nenhum sistema formal e dedutivo de argumentos ou pensamentos poderá jamais escapar de dois problemas formais devastadores: *ambigüidade* e falta de *completude*. A fim de reconhecer este problema duplamente formal, é importante adotar o antigo tipo de distinção convencional entre *axiomas* e *postulados*. Em outras palavras, a base para todo o sistema de rede de teoremas dedutivos está localizada na *integridade de um conjunto de axiomas*, que tratam os problemas de ambigüidade e completude inerentes no conjunto de axiomas. Isto nos deveria prevenir de que nenhuma matemática dedutiva poderá jamais apoiar uma forma durável de física matemática válida.

A preferência do autor pelos dois corolários por ele dados acima, com relação à ênfase mais tradicional em paradoxos de *ambigüidade* e *completude*, é inspirada pelo fato de que os problemas de *ambigüidade* e *completude* não são contidos dentro do domínio arbitrário do formalismo matemático. Eles são, em primeira instância, reflexões da *física*: é a física de matérias relativamente cruciais de funções não-algébricas, como o isocronismo, ordenações harmônicas, mínima ação e outros, que força a derrubada de um formalismo deficiente e analítico, em favor de uma geração geométrico-construtiva de funções, coerente com aquelas realidades físicas cruciais. Em segundo lugar, a própria física será definida incompetentemente como matéria, enquanto for tolerada a busca ilusória de uma forma "não-subjetiva" de conhecimento físico. Os dois corolários dados acima parecem, portanto, uma forma mais eficiente de representar essas questões de formalismo.

4. A distinção de experiência *crucial* se refere mais diretamente à tese de docência de Riemann publicada em 1854, intitulada "Sobre as hipóteses subjacentes à geometria".

5. Ver LaRouche, *In Defense of Common Sense*, capítulos III-V.

6. Em última instância, *ser* é uma qualidade que reside no *Bem*, não o *Vir* a *Ser*. O Bem é *o ser imutável da transformação universal*, o primeiro é o *Uno*, o último a geração da *multiplicidade* do Universo. O *ser* é,

portanto, a morada do supremo que está mais acima do que a ordenação transfinita da mudança. O Bem constante é esta causa constante de mudança: a *matéria* é assim gerada (criada) continuamente pelo Bem (ser).

7. Um exemplo disto é a irrupção do paradoxo dos “três corpos”, causado pela paródia newtoniana das três leis de Kepler como gravitação newtoniana = $(k m_1 m_2)/r^2$. O paradoxo, que não existe no original kepleriano, é introduzido pela substituição mecanicista de interação à distância em pares, em vez do princípio de ordenação harmônica kepleriana unificada (Ver também o Anexo V).

8. A dedução da lei do inverso do quadrado da gravitação de Newton a partir da terceira lei de Kepler é a seguinte: a terceira lei de Kepler afirma que o cubo do raio médio (a) de qualquer planeta, dividido pelo quadrado do período (T) do planeta é igual a uma constante (k).

(1) Terceira Lei de Kepler:

$$a^3/T^2 = k$$

(2) A velocidade de um planeta em termos do raio da órbita circular (suponha-se circular, em vez da órbita elíptica e quase circular dos planetas) e do período é:

$$v = 2\pi r/T$$

onde v = velocidade do planeta;

r = raio da órbita circular;

T = período de uma revolução.

(3) Christiaan Huyghens (1629 -95) demonstrara que a aceleração centrífuga é:

$$A = v^2/r$$

onde A = aceleração.

(4) Como

$$F = mA, F = mv^2/r$$

onde F = força;

m = massa.

Da equação (2):

$$v = 2\pi r/T,$$

portanto

$$v^2 = 4\pi^2 r^2/T^2.$$

Da equação (1):

$$a^3/T^2 = k, \text{ ou } T^2 = a^3/k$$

Como as órbitas dos planetas são quase circulares, suponhamos $a = r$, portanto

$$T^2 = r^3/k$$

Substituindo este valor de T^2 no valor para v^2 , i. é,

$$v^2 = 4\pi^2 r^2 / T^2$$

o resultado é

$$v^2 = 4k\pi^2 / r$$

Agora, tome-se este valor de v^2 e se o substitua em $F = mv^2/r$. O resultado desta substituição final nos dá a relação do inverso do quadrado na lei da gravitação de Newton. Portanto,

$$F = 4\pi^2 km / r^2$$

A demonstração precedente mostra como as leis do inverso do quadrado e a lei de Newton da gravitação universal podem ser deduzidas da Terceira Lei de Kepler, supondo que as órbitas dos planetas sejam circulares, ao invés de, como o são, elipses quase circulares. É geralmente aceito que a Segunda Lei de Kepler, das velocidades reais constantes, havia indicado a Newton que quaisquer forças atuando sobre os planetas seriam dirigidas para o Sol, ao invés de tangencialmente às suas trajetórias (Ver também o Anexo V).

Ademais, Kepler havia proposto essa proporcionalidade entre massas e uma relação de força em sua *Astronomia Nova*, de 1609. Kepler escreve que “se duas pedras forem removidas para qualquer lugar do mundo, perto uma da outra, mas fora do campo de força de um terceiro corpo relacionado, então, as duas pedras, como dois corpos magnéticos, se juntariam em algum lugar intermediário, aproximando-se uma da outra a uma distância proporcional à massa [moles] da outra”. E. Hoppe reivindica o conceito de massa não para Newton, mas para Kepler, que o designa pela palavra *moles*.

9. No verão de 1801, o grande matemático Carl Friedrich Gauss tomou conhecimento da descoberta astronômica do planetóide Ceres. Depois que Ceres, chegando muito perto do Sol, se tornou invisível, Gauss desenvolveu novos métodos para calcular a sua órbita. Gauss aplicou seus novos métodos às descobertas de outros pequenos planetas, Palas, em 1802 e Vesta, em 1807. Reconhecendo que não há problemas de dois corpos no Sistema Solar, mas problemas de n corpos, em que outros planetas atraem um dado planeta e perturbam a órbita elíptica, ele aplicou o seu gênio matemático aos problemas. Em 1818, publicou um ensaio sobre a teoria das perturbações. Ele determinou a distribuição de massa na circunferência da elipse supondo uma distribuição de massas de acordo com a Segunda Lei de Kepler, a lei da velocidade real constante: quantidades iguais de massa se distribuirão pelo comprimento da elipse que exigir tempos iguais.

Interações aos pares e massas pontuais - o método de Newton - não predisseram, nem podiam prever a existência de Ceres e Palas, como o fez o método de Kepler. Para Newton, a massa é básica e a dimensão de duas massas determina a órbita do planeta. Para Kepler, a massa é determinada pela órbita e a órbita é determinada pela curvatura do espaço-tempo físico. Para Kepler, as harmonias musicais e a unicidade dos cinco sólidos platônicos foram as chaves para determinar porque certas órbitas eram permitidas e outras não. Destas concepções, Kepler desenvolveu as suas três leis explorando as qualidades de mínima ação/mínimo tempo/ isoperimétricas que o Criador incutiu em Sua Criação. As soluções de Kepler funcionam para o problema de muitos corpos apresentado pelo nosso sistema planetário (Ver Anexos V e VI).

A interação newtoniana de pares/massas pontuais desmorona assim que aparece o problema dos três corpos. Ela também desmorona se pensarmos nos simples problemas apresentados pela espectroscopia moderna. Elétrons orbitando em torno de um núcleo de um elemento no estado gasoso emitem e absorvem luz em frequências definidas, que são características do elemento que compõe o gás. É assim que a espectroscopia consegue identificar os elementos gasosos dos quais se compõem os planetas. Há muitas órbitas possíveis em torno de um núcleo. Por que os elétrons só circulam naquelas órbitas com as frequências observadas, e por que as órbitas só têm uma frequência associada? Além do mais, as colisões de átomos em um gás ocorrem 10^{12} vezes por segundo, criando uma grande quantidade de energia calorífica. Os impactos são poderosos e poderiam mudar completamente as órbitas do elétron, com relação ao tamanho, forma e frequência, se as prescrições de força de Newton se aplicassem. Isto não ocorre, porque as órbitas são determinadas por um processo mais fundamental, a curvatura do espaço-tempo e não por uma noção simplista de interações aos pares de massas pontuais.

10. O fato de se conhecer a existência de cerca de 90 elementos em nosso Sistema Solar pareceria impossível, se os elementos tivessem sido gerados pelo tipo de simples fusão termonuclear que geralmente se pensava ter ocorrido dentro de nosso Sol, processo que se imaginava ter sido a fonte do material para os planetas com esses noventa e poucos elementos. Todavia, se atribuímos o processo geral de fusão menos ao interior do Sol do que à fusão polarizada que ocorre na envoltória de plasma ao redor do Sol, com as condições iniciais indicadas, os cerca de 90 elementos são implicitamente possíveis pela ação interna ao nosso Sistema Solar.

11. Adam Smith, *Theory of Moral Sentiments* (1759; Glasgow: Liberty Classics, 1984). O homem, de acordo com este argumento calvinista, não é moralmente responsável pelas conseqüências de suas ações para a Humanidade em geral. Se a sua indiferença cega à moralidade, ao não seguir mais do que seus impulsos hedonistas, é a causa da crueldade e de outros grandes males a grandes parcelas da Humanidade, então, Deus é

que deve ser culpado por ter dado a este calvinista os seus instintos hedonistas.

12. A biografia da família de Smith documenta transações entre o segundo conde de Shelburne e Adam Smith, durante uma viagem de carruagem feita por ambos, em 1763. Shelburne arregimentou Smith como seu agente pessoal e o instruiu sobre os axiomas de um programa para destruir a economia e os governos semi-autônomos das colônias britânicas da América do Norte. Para treinar Smith nesta atividade, ele foi mandado por David Hume à Suíça e à França, para uma formação em economia política pelos agentes de banqueiros suíços como Quesnay e os círculos de Voltaire. O conteúdo anti-americano da *Riqueza das Nações* de Smith, que é, basicamente, um plágio de A.M. Turgot, reflete os elementos fisiocratas anti-Colbert de sua doutrinação pelos asseclas de Hume na Suíça e na França.

Ver também Lyndon LaRouche e David P. Goldman, *The Ugly Truth about Milton Friedman* (New York: New Benjamin Franklin House, 1980); e *EIR Special Report* "The Trilateral Conspiracy Against the U.S. Constitution: Fact of Fiction?", Sept. 30, 1985.

13. A *Riqueza das Nações*, de Adam Smith, foi considerado por muitos - inclusive o economista do século XVIII Pierre du Pont de Nemours - como um retrabalhamento das *Reflexões sobre a formação e distribuição da riqueza*, do fisiocrata francês Turgot. Entretanto, "tudo que Smith acrescentou é inexato", afirmou Du Pont de Nemours.

14. Quando foi oferecido a Karl Marx o livre acesso no Museu Britânico, seu diretor David Urquhart o alimentou com documentação conveniente. Urquhart é melhor descrito como o "St. John Philby de sua época". Ver Carol White, *The New Dark Ages Conspiracy* (New York: New Benjamin Franklin House, 1980), pp. 326-27.

15. Durante o século XVIII, a influência da ciência de Leibniz era forte em muitas partes da Europa, tendo se espalhado em círculos ao redor de Benjamin Franklin na América. No período entre 1791 a 1830, a ciência econômica de Leibniz ficou identificada em todo o mundo com o *Sistema Americano de economia política*. Este nome foi cunhado pelo secretário do Tesouro dos EUA, Alexander Hamilton, em 1791, em um documento político dos EUA submetido ao Congresso e intitulado "Relatório sobre as manufaturas" (ed. brasileira do Movimento de Solidariedade Ibero-americana, Rio de Janeiro, 1995).

16. Friedrich Schiller, "The Legislation of Lycurgus and Solon", trad. George Gregory, in: *Friedrich Schiller, Poet of Freedom*, Vol. II (Washington: Schiller Institute, 1988), pp. 273-307.

17. Ver o "Livro da Revelação", ou "Apocalipse" de São João, na Bíblia. Se o Apocalipse for lido em termos das realidades concretas do século em que foi escrito, não há parte do livro que seja alegórica ou simbólica. Os mesmos tipos de forças que São João então identificou

como arrematadas em apoio à “Meretriz da Babilônia” são as forças concretas do Mal no mundo de hoje.

A personalidade do Mal é clara e concretamente identificada como a “Meretriz da Babilônia”. Isto não é simbolismo; é o nome de uma deusa matriarcal muito específica, cujas sacerdotisas praticavam a prostituição como parte do ritual religioso, de forma que os nomes de Ishtar, Astarte, Ísis e Vênus são venerados como deusas das lésbicas e das profissões meretrícias até os tempos modernos. A fonte destes cultos de deusas-prostitutas na Mesopotâmia, Sabá-Etiópia, Egito, Palestina e entre os frígios é a adoração da deusa-prostituta Shakti na antiga cultura harappan do subcontinente indiano, introduzida na Mesopotâmia pela colônia harappan da Suméria. As Figuras de Satã na antiga Mesopotâmia, Sabá na Etiópia e Osíris, Apolo e Lúcifer são, como o Dionísio frígio, derivadas do Siva harappan. A forma mais poderosa deste culto satânico de então foi o culto dos mágicos sírios de Mitra, que havia sido estabelecido como o principal culto das legiões imperiais romanas, por intermédio de um acordo estabelecido entre Augusto e os mágicos sírios na ilha de Capri.

No Apocalipse, S. João ataca a questão: qual a consequência final a que deve conduzir a guerra entre o Bem e o Mal? A persistência do Mal deve fazer periclitar a própria existência da Humanidade, devido às mazelas como as guerras e as pestes. O Mal deve atingir um tal estado que ele valorize os seus ganhos em poder a tal ponto que prefira deixar a Humanidade ser destruída, em vez de comprometer as práticas que provoquem esta destruição apocalíptica. Então, os homens e mulheres que adotem a causa do Mal e apoiem suas práticas por meio desta adoção se adornam com a marca que designa a Besta e procuram exterminar os homens e mulheres que resistam às práticas do Mal.

Essa conjunção da luta entre o Bem e o Mal deve surgir porque a essência do Mal só conduz a este resultado. O Mal não pode ser uma condição permanente dentro da espécie humana. O aumento do poder à disposição do Mal ocasionará, por si mesmo, que o Mal atinja o ponto em que se torna, imediatamente, a causa que ameaça causar o extermínio da espécie humana. Este é o Armagedon e o Apocalipse.

18. Contrariamente ao bando desmazelado de ratos da “arqueologia bíblica” britânica, que tratou as coleções de tabuletas por eles descobertas da forma mais imoralmente descuidada, a civilização chegou à Mesopotâmia bem tardiamente, provavelmente introduzida pelos “povos de cabeça escura” (isto é, dravídicos), que estabeleceram suas colônias marítimas na Suméria, Sabá, Etiópia e (de acordo com Heródoto) Canaã. Além disto, a prática lunar na antiga Mesopotâmia mostra que os primitivos semitas civilizados daquela região atingiram um nível cultural muito inferior ao dos povos védicos da Ásia Central, responsáveis pelos calendários astronômicos solares referidos por Tilak no intervalo do período de Órion, entre 6.000 - 4.000 a.C.

19. Para a característica axiomáticamente panteísta do liberalismo britânico, Ver White, *The New Dark Ages Conspiracy, op.cit.*, capítulo 8 e *passim*.

20. Para a verdade sobre o patrocínio de Hitler e Mussolini, ver Carol White, *The New Dark Ages Conspiracy*. Ver também *The Hitler Book*, Helga Zepp-LaRouche, ed. (New York: New Benjamin Franklin House, 1984); e EIR Special Report "Projet Democracy: The 'Parallel Government' Behind the Iran-Contra Affair", Abril 1987.

22. Ver Carol White, *The New Dark Ages Conspiracy*, capítulos 1-3 e *passim*.

23. Allen and Rachel Douglas, "The Roots of the Trust", manuscrito inédito, 1987. Os relatos típicos da história russa pré-1917, nos quais uma temível polícia secreta czarista (a partir de 1826, a Terceira Seção e, depois de 1881, a Ocrana) lutava heroicamente contra bandos de terroristas "proletários" para defender o czar e o Estado são inteiramente mitológicos. A Ocrana era controlada por 102 famílias nobres russas bastante interrelacionadas, conhecidas historicamente como os *boiardos*, cuja feroz oposição ao czar e ao Estado russo datam do estabelecimento de um estado ocidentalizado por Pedro, o Grande, no começo do século XVIII. Estas famílias usavam os bandos terroristas, como os revolucionários socialistas e os bolcheviques, cujos líderes, virtualmente todos (por exemplo, Stálin), eram agentes da Ocrana, para derrubar o Estado. Os *raskolniki* ("velhos crentes"), uma dissidência da igreja ortodoxa russa que vinha desde o século XVII, também eram fanaticamente opositores das reformas ocidentalizadoras de Pedro e financiavam os bolcheviques no final do século XIX e começo do século XX.

As famílias nobres e os *raskolniki* colaboraram com interesses oligárquicos ocidentais, primeiro para derrubar as instituições ocidentalizantes na Rússia e depois, após 1917, para usar o Estado soviético como um aríete contra a Civilização Ocidental em geral. Um centro de comando ocidental para esses esforços era o edifício Equitable Life Assurance, em 120 Broadway, Baixa Manhattan, dominado pelos interesses de Harriman e J.P. Morgan e escritório do notório Sidney Reilly. Reilly era um agente da Ocrana antes de 1917, um agente de espionagem soviética depois desta datae um agente do Serviço Secreto britânico todo o tempo.

24. Ver LaRouche, *In Defense of Common Sense*, capítulo III.

25. A família nuclear é obviamente uma dessas instituições essenciais.

26. William Manchester, *The Arms of Krupp, 1587 -1968* (Boston: Little, Brown & Co., 1967), pp. 455 e 639, esclarece este ponto. Isto é contrário à crença errônea vigente nos EUA, de que os EUA construíram o potencial industrial alemão depois da guerra.

27. O termo "lunares" neste caso se refere às sociedades que se baseiam no calendário lunar, em vez do calendário solar.

28. Karl Marx, *The Capital*, vol.III (New York: International Publishers, 1984).

29 Adam Smith, *Theory of Moral Sentiments*, *op. cit.*

30. Ver White, *The New Dark Ages Conspiracy*, *op.cit.*

31. Leroy E. Loemker, ed., *Gottfried Wilhelm Leibniz Philosophical Papers and Letters*, vol. II, "The Controversy between Leibniz and Clarke" (Chicago: University of Chicago Press, 1956), pp. 1095-1169 (edição brasileira sob o título "Correspondência com Clarke" incluída no volume Newton/Leibniz (II), da Coleção Os Pensadores, Abril Cultural e Nova Cultural, São Paulo, várias edições a partir de 1979).

32. Philo (Filon), *On the Creation* (Cambridge: Harvard University Press, 1981), pp. 134-137.

33. As reformas do imperador Constantino, "legalizando" o cristianismo sob a autoridade tradicional do imperador, como "papa" (*Pontifex Maximus*) de todos os corpos religiosos legalizados, refletiu o fracasso dos imperadores romanos desde Nero e Tibério em esmagar o cristianismo pelos métodos rudes do massacre "à la Gestapo" e refletiu mais enfaticamente a força do cristianismo apostólico entre os herdeiros da tradição platônica entre a população de língua grega. Esta "reforma constantiniana" significava: "deixem-nos adorar o nome de Cristo com tanta devoção a este nome quanto queiram; nós controlaremos o que eles acreditam sobre Cristo". Os bispos designados pelos imperadores do Império Oriental (Bizâncio) usavam a sua autoridade em assuntos de doutrina e liturgia para introduzir no cristianismo as doutrinas das "religiões romanas de mistério" e até os padres deviam usar vestimentas do culto ptolemaico de Ísis. Esta prática maligna costuma ser chamada, eufemisticamente, de "sincretismo" - a fusão do cristianismo com elementos de cultos pagãos, como a "teologia da libertação" dos jesuítas e o "diálogo cristão-marxista" de hoje. A prática é melhor descrita como "gnosticismo", a transformação da doutrina cristã pela saturação da doutrina ensinada com as crenças de cultos romanos de "mistério", a "gnose".

Os gnósticos degradam os indivíduos, de criaturas à imagem do Deus vivo para filhos da terra, criaturas de instintos hedonistas imediatos e originais. O homem existe, portanto, para o prazer de outros homens, os dominados para o prazer dos que dominam e os povos de uma raça ou nação para o prazer dos dominadores das demais.

34. O cálculo de Leibniz consiste em métodos analíticos para a solução de problemas sobre curvas, utilizando quantidades geométricas variáveis que ocorrem nestes problemas. O ponto de partida das curvas para Leibniz pode ser visto em sua teoria das envoltórias, onde as curvas são vistas como lugar geométrico das tangentes. O "triângulo característico" de Leibniz, por ele usado na transformação de quadraturas, veio de seu estudo do trabalho de Pascal sobre a cicloide. O triângulo característico, gerado pela ordenada, tangente e subtangente, ou ordenada, normal e subnormal, aplicado generalizadamente, deu a Leibniz a capacidade de encontrar relações entre quadraturas de curvas e outras variáveis, tais

como momentos e centros de gravidade. A importância das relações de involuta-evoluta na teoria das envoltórias, junto com o estudo da cicloide e da cáustica, colocou as curvas superiores não-algébricas no centro do cálculo infinitesimal.

O método das integrais de Karl Bernoulli (1834-1878) usou o “método inverso das tangentes”, em que uma curva é determinada a partir de uma dada propriedade de suas tangentes. Bernoulli ensina que a propriedade da tangente deve ser expressa como uma equação diferencial. O método das integrais aplicado a esta equação diferencial dará a própria curva. Uma vez mais, portanto, as curvas são vistas do ponto de vista da teoria das envoltórias. Bernoulli se dedicou a problemas de comprimento de arco e quadratura envolvendo cáusticas, cicloides, catenárias, espirais logarítmicas e a forma das velas impelidas pelo vento. As propriedades de braquistócrona-tautócrona da cicloide a tornam rica em qualidades de auto-organização com mínima ação e mínimo tempo, assim como as outras curvas superiores, que as tornaram o fundamento apropriado para examinar o cálculo infinitesimal. Elas combinaram princípios geométricos e físicos (Ver H.J.M. Bos, “From the Calculus to Set Theory 1630-1910”, in *Newton, Leibniz and the Leibnizian Tradition*, I. Grattan-Guinness, ed. [Duckworth: London, 1980]).

Huyghens, ao explorar a propriedade isócrona da cicloide e o fato de que a envoltória de uma cicloide é outra cicloide, descobriu que poderia projetar um relógio de pêndulo que enrolasse lâminas na forma de uma cicloide, o qual seria perfeitamente isócrono e, portanto, marcaria o tempo com exatidão.

A prova de que o caminho de descida mais rápido é a cicloide foi um *tour de force* da facção de Leibniz-Huygens-Bernoulli contra os newtonianos e cartesianos. A solução de Jean Bernoulli combinou três campos diferentes - o movimento da luz, as leis da queda livre e as leis mecânicas para o rolamento de um círculo. Olhando as leis da refração da luz e iluminando um meio variável, Bernoulli conseguiu chegar em uma curva. Como a luz faz o caminho mais rápido possível no tempo óptico e como altera sua velocidade ao passar por meios de densidade variável, Bernoulli mudou a velocidade variando a densidade de acordo com as leis da queda livre. Cada um dos raios de luz, ao mudar de direção quando o meio muda de densidade, é tangente a uma curva. A curva é a envoltória destas tangentes. A curva conseguida por Bernoulli é a cicloide. O uso da luz passando por um meio não-homogêneo demonstra que as trajetórias gravitacionais não têm de ser determinadas por uma qualidade inata da massa mas, na verdade, podem ser um reflexo da curvatura do universo físico, que define as trajetórias de mínima ação na natureza.

Capítulo VIII

1. Percy Bysshe Shelley, "In Defense of Poetry", in *Shelley: Political Writings*, Roland A. Duerksen, ed. (New York: Crofts Classics, 1970), pp. 164-97.

2. Deve ser enfatizado que Grotius e John Locke representam tipicamente um ponto de vista completamente antagônico à concepção cristã de lei natural.

3. Charles de Gaulle, *Memoirs of Hope: Renewal and Determination* (New York: Simon and Schuster, 1971), p.269.

Em 1970, Charles de Gaulle escreveu: "Assim, de toda parte do mundo, as atenções e preocupações das pessoas estavam então dirigidas para nós. Ao mesmo tempo, no continente, as iniciativas e ações que poderiam conduzir à unidade emanavam de nós: a solidariedade franco-alemã, o plano de um agrupamento exclusivamente europeu dos Seis, os começos de cooperação com a União Soviética. Além disto, quando a paz mundial estava em jogo, era ao nosso país que os líderes do Leste e Oeste recorriam para resolver as disputas. Nossa independência respondia não apenas às aspirações e ao auto-respeito do nosso próprio povo, mas também ao que todo o mundo esperava de nós. A França trazia consigo poderosas razões de orgulho e, ao mesmo tempo, um pesado fardo de obrigações. Mas não é este seu destino? Para mim, ela oferecia a atração e também o desgaste de uma responsabilidade onerosa. Mas para que mais eu estava ali?"

4. Como elaborado por Nicolau de Cusa, em 1433, no tratado em latim *De Concordantia Catholica*. Uma edição em inglês está em preparação para publicação em 1992: *The Catholic Concordance*, trad. e ed. de Paul E. Sigmund (Cambridge: Cambridge University Press).

5. Outras formas de música constituem "linguagem", mas formas mais ou menos brutas, ou brutalizadas, de incultura musical.

6. Para as referências de Platão sobre geometria construtiva, ver "Plato's *Timaeus*: The Basis of Modern Science", *The Campaigner*, vol. 13, nº 1, fevereiro 1980; ou, em grego, com tradução em inglês, ver Rev. R.G. Bury, ed. (Cambridge: Harvard University Press, 1966) e o *Meno*, W.R.M. Lamb, ed. (Cambridge: Harvard University Press, 1966).

7. Ver LaRouche, *In Defense of Common Sense*, capítulos II e III.

8. O conceito de *Brotgelehrte* (erudito ganha-pão) é desenvolvido por Friedrich Schiller, "What Is, and To What End Do We Study, Universal History?", trad. Caroline Stephan e Robert Trout, *Friedrich Schiller, Poet of Freedom*, vol. II, *op. cit.*, pp. 253-272.

9. Ver Carol White and Carol Cleary, *EIR Special Report*, "The Libertarian Conspiracy to Destroy America's Schools", April 30, 1986. Ver também Herbert Kohl, *Basic Skills: A Plan For Your Child, A Program for All Children* (Boston: Little, Brown and Co., 1982) e E.D. Hirsch Jr., *Cultural Literacy: What Every American Needs to Know* (Boston: Houghton Mifflin Co., 1987).

10. Um dos orgulhosos fundadores do malthusiano Clube de Roma, o ex-diretor da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Dr. Alexander King, fornece um exemplo da vida real. O Dr. King afirmou que sua motivação tinha sido livrar o mundo do que ele considerava um número excessivo de raças de pele escura. Bertrand Russell, como King, revelou suas motivações racistas em livros que escreveu e fez publicar. Russell, como King, era espiritualmente um seguidor do racismo de Cecil Rhodes e Charles Dilke.

Em essência, King concordava com a afirmação de Russell, em 1921, no livro *Problemas da China*, de que “as raças menos prolíficas terão de se defender contra as mais prolíficas por métodos que são desagradáveis, embora necessários”.

11. Ver *EIR*, Vol. 8, No. 25, June 23, 1981, “Club of Rome Founder Alexander King Discusses His Goals and Operations”. Em 26 de maio de 1981, em uma entrevista à *EIR*, o Dr. Alexander King, Comendador do Império Britânico e da Ordem de S. Miguel e S. Jorge, que, em 1968, era o diretor-geral da Seção de Assuntos Científicos da OCDE, um aparato considerado uma peça subordinada à OTAN, mas, na verdade, o seu controlador político, descreveu o papel de seu gabinete na criação da Matemática Moderna e na mudança do enfoque educacional, passando da resolução de problemas para uma abordagem mais “prática”.

“Nós criamos toda a questão da reforma curricular, tentando ensinar matemática, química etc. de novas formas”, disse o Dr. King. “Fomos muito criticados por isto. Os ministérios da educação eram todos de base cultural. Na visão deles, a educação era algo que passava as riquezas da posteridade para novas gerações, a seu ver. Atrelar a educação ao vagão econômico parecia terrível.”

12. Sol H. Pelavin e Michael Kane, *Changing the Odds: Factors Increasing Access to College* (New York: College Entrance Examination Board, 1990). O estudo indica que os alunos negros e latinos, que tiveram pelo menos um ano de geometria no colegial, aumentam muito as suas chances de entrar em uma faculdade e se formar. O estudo de quase 160.000 alunos comprovou que as diferenças entre as taxas de brancos e de minorias que frequentam a faculdade praticamente desapareciam entre aqueles que tinham tido um ano ou mais de geometria. O autor Sol Pelavin comentou, em 24 de setembro de 1990, no jornal *Washington Post*: “acho que vemos algo mais básico do que outros” e atribuiu as constatações às técnicas de pensamento lógico ensinadas em álgebra e geometria”.

13. Deus é um matemático muito mais hábil do que os falecidos professores Norbert Wiener e John Von Neumann.

14. Winston Bostick, “The Pinch Effect Revisited”, in *EIR*, Vol. 18, Nos. 6, 7 and 8, Feb. 8, 15 and 22, 1991 (reproduzido de *International Journal of Fusion Energy*, Vol. 1, No. 1, March 1977).

15. Arthur R. Jensen et al., "Environment, Heredity and Intelligence", separata de *Harvard Education Review* (Cambridge, Mass.: Reprint Series, No. 2).

16. Em 1939, quando trabalhava nos Bell Telephone Laboratories, William Shockley começou a estudar o uso dos semicondutores como amplificadores. Este trabalho acabou levando ao desenvolvimento do transistor. Entre 1942 e 1945, ele desenvolveu pesquisas sobre a guerra anti-submarina. Por suas investigações sobre semicondutores e pela descoberta do efeito transistor, Shockley, J. Bardeen e W. H. Brattain dividiram o prêmio Nobel de 1956.

17. O então deputado George Bush convidou William Shockley e seu colega, Arthur Jensen, para depor sobre a teoria destes, de que os negros são geneticamente inferiores aos brancos, perante à Força-tarefa Republicana sobre Recursos e População da Terra, em 5 de agosto de 1969. Em uma declaração publicada no *Congressional Record* de 5 de setembro daquele ano, Bush relatou o depoimento de Shockley e Jensen, observando que as sessões de haviam focalizado "os aspectos hereditários da qualidade humana" e "os problemas ambientais criados pela nossa elevada taxa de crescimento populacional". Resumindo o depoimento, Bush afirmou: "O Dr. Shockley declarou pensar que a Academia Nacional de Ciências tem a obrigação intelectual de fazer uma apresentação clara e relevante dos fatos sobre aspectos hereditários da qualidade humana. Além do mais, ele argumentou que os nossos bem intencionados programas de ajuda social podem estar involuntariamente produzindo uma degradação reprodutiva da população dos EUA". Durante a sua carreira parlamentar (1967-70), Bush esteve na vanguarda do esforço para institucionalizar o controle populacional como elemento vital da política doméstica e externa dos EUA e patrocinou pessoalmente as medidas iniciais mais importantes de "planejamento familiar", inclusive a Lei de Serviços de Planejamento Familiar e Pesquisa Populacional, de 1970, que procurou reduzir o número de pessoas com direito ao auxílio social, canalizando o dinheiro dos contribuintes para clínicas de paternidade planejada em áreas pobres.

18. O cabalismo é uma forma de misticismo judaico e ocultismo inicialmente trazidos para a cultura cristã pelo erudito renascentista Giovanni Pico della Mirandola, que adotou e propagou a crença de que as escrituras do Velho Testamento revelariam grandes segredos, se interpretadas de acordo com a cabala judaica.

O espírito quase xamanista do cabalismo é mais ou menos refletido com exatidão em outro sentido da palavra *cabala*, que penetrou na língua inglesa antes de 1650, significando conluio, ou "um plano secreto ou particular de caráter sinistro formado por um pequeno grupo de pessoas" (*Oxford English Dictionary*).

Alguns dos ingleses mais proeminentes envolvidos com o cabalismo, nos séculos XVI e XVII, foram Robert Fludd (1574-1637), médico,

místico e rosacruz, que entrou em controvérsia com Kepler; Henry More (1614-87), teólogo, líder dos chamados “platonistas de Cambridge”, que, por duas vezes, recusou a nomeação como bispo; Elias Ashmole (1617-92), antiquário e astrólogo, que escreveu ou publicou trabalhos rosacruz e cuja coleção de curiosidades é preservada no Museu Ashmoleano da Universidade de Oxford; e Sir Isaac Newton (1642-1727), de acordo com “Newton and the Wisdom of the Ancients”, de Piyo Rattansi em *Let Newton Be!* (Ver Nota 19 a seguir). Mais pistas para o emprego do cabalismo como meio de pensamento oligárquico podem ser recolhidas em *The Discovery of Hebrew in Tudor England - A Third Language*, de G. Lloyd Jones (Manchester: Manchester University Press, 1983). Algumas peculiaridades da numerologia cabalista são explicadas em *The Most Ancient Testimony - Sixteenth Century Christian-Hebraica in the Age of Renaissance Nostalgia*, por Jerome Friedman (Athens, Ohio: Ohio University Press, 1983), Capítulo 4.

19. O economista John Maynard Keynes identificou Newton como “o último dos magos, o último dos babilônios e sumérios”, cuja alquimia era “totalmente destituída de valor científico”. Keynes comprara em um leilão um baú com documentos de Newton e relatou o seu conteúdo em “Newton, the Man”, in *Newton's Tercentenary Celebrations*, editado pela Real Sociedade (Cambridge: Cambridge University Press, 1947), pp. 27-34. Os admiradores de Newton esperavam que o baú revelasse provas de que Newton havia, de fato, inventado o cálculo infinitesimal. Esta esperança soçobrou e Keynes, pelo contrário, ficou chocado pelo abracadabra que lá encontrou. Uma nova avaliação de Newton à luz de sua obsessão com a magia e a alquimia é *Let Newton Be!*, de John Fauvel et al., eds. (Oxford: Oxford University Press, 1988). Ao contrário de Keynes, os autores não ficam chocados com os interesses ocultistas de Newton e defendem a tese - tão familiar quanto falsa - de que a ciência é oriunda da magia.

20. Sir Isaac Newton, em seus *The Mathematical Principles of Natural Philosophy* (New York: New York Philosophical Society, 1964) afirmou: “*Hypotheses non fingo*” (Não faço hipóteses) e explicou as suas razões com base no argumento da oposição *indução* versus hipótese.

Newton escreveu: “Nos livros precedentes, estabeleci os princípios da filosofia; não princípios filosóficos, mas matemáticos... Resta, a partir dos mesmos princípios, que eu demonstre a estrutura do Sistema do Mundo... Pois, como as qualidades dos corpos só nos são conhecidas por experiências, devemos considerar universal tudo que não possa ser diminuído, nem totalmente removido. Certamente, não devemos renunciar à evidência da experiência por causa de sonhos ou vãs ficções de nossa própria invenção; nem devemos retroceder da analogia da natureza, que costuma ser simples e sempre consoante consigo mesma. Não conhecemos a extensão dos corpos, a não ser pelos nossos sentidos, nem estes a alcançam em todos os corpos; mas porque percebemos a extensão em tudo que é sensível, atribuímo-la universalmente também a todos outros. Que abundantes

corpos são duros, aprendemos pela experiência; e porque a solidez do todo surge da solidez das partes, inferimos, portanto, com justiça a solidez das partículas individidas não apenas dos corpos que sentimos, mas também de todos os outros. Que todos os corpos são impenetráveis não inferimos da razão, mas das sensações”.

21. Os escritos do falecido Bertrand Russell são modelos de um estilo “oxbridgeano” de “encher lingüiça” com retórica. Vide o sucesso de Russell em recrutar tantos admiradores ávidos entre os indianos e outros intelectuais do “Terceiro Mundo”, das nações que ele propôs, simplesmente, extirpar por meio da fome e do incentivo às doenças epidêmicas.

22. Há mais dos que uma sugestão de *Les Bougres* - cátaros-bogomilos, dos adoradores maniqueus e, talvez, também dos templários adoradores de Bafomé - no gnosticismo formalista cartesiano, no tópico relativo ao seu *deus ex machina*.

23. Lowry, *op.cit.*, capítulo 4.

24. A reconhecida insanidade de Hume foi a razão de sua família tê-lo despejado da Escócia, para manter as aparências frente aos vizinhos, para a França, de onde retornou com a primeira versão de seu livro.

25. Adam Smith, *op.cit.* e *A Riqueza das Nações*. Ver também Goldman e LaRouche, *op.cit.*

26. Adam Smith, *Theory of Moral Sentiments, op.cit.*

27. Jeremy Bentham, *The Works of Jeremy Bentham*, John Bowering, ed. (Edinburgh: William Tait, 1843).

28. Ver LaRouche, *In Defense of Common Sense*, Capítulo III.

29. Ver o Capítulo VI deste livro.

30. Para uma discussão mais completa das implicações estratégicas dos decretos dioclecianos, Ver *EIR Special Report* “Global Showdown: The Russian Imperial War Plan for 1988”, July 24, 1985.

As reformas dioclecianas criaram um despotismo oriental do tipo mais penetrante, em que todos os aspectos da vida são rigorosamente controlados pelo Estado. Isto fica evidente nas questões econômicas. O *Codex Theodosianus* da lei romana e bizantina documenta a obrigação de todo cidadão prestar serviço público obrigatório na corporação na qual trabalhasse seu pai. Esta era uma sociedade de classes, na qual a situação de classe era herdada e reforçada por sanções administrativas: a ninguém era permitido mudar o seu posto ou maneira de ganhar a vida. Ao mesmo tempo, a prática de cada corporação era rigidamente fixada, também por decreto imperial, de acordo com os “antigos costumes”. Os afazeres dos construtores navais, padeiros, carroceiros, vaqueiros, criadores de porcos, cimenteiros, transportadores de madeira e outros eram prescritos com detalhes minuciosos. Na prática, isto levava a uma proscrição de qualquer forma de inovação tecnológica que pudesse interferir com a estabilidade das corporações e o valor de suas propriedades, que não podiam ser transferidas nem, tampouco, alteradas.

O caso de Giorgios Gemisthos (Plethon) e sua assessoria de política econômica à dinastia dos Paleólogos ilustra o fato de que a iminente queda da enfraquecida Bizâncio do começo do século XV refletia o acúmulo de séculos de “decadência” malthusiana de fato, ecoando o anterior colapso demográfico de Roma e do Ocidente e, também, as características “socialistas e malthusianas” do código diocleciano.

31. Para uma discussão mais completa das implicações da rede dos “velhos camaradas” da Skull and Bones para a política dos EUA, ver *American Leviathan: Administrative Fascism under the Bush Regime* (Executive Intelligence Review Nachrichtenagentur GmbH, Wiesbaden, 1990).

O poder político associado a Yale é ligado à infame loja maçônica secreta chamada Skull and Bones (Caveira e Ossos) ou Russell Trust (Fundo Russell). Entre os 15 formandos “canalizados” todos os anos para a Skull and Bones, encontram-se figuras-mestras do poder norte-americano, como o Cel. Henry Stimson, membro das administrações republicanas da década de 1920 e, mais tarde, escolhido por Franklin D. Roosevelt para ministro da Guerra no gabinete bipartidário de unidade nacional que conduziu a II Guerra Mundial. Aí encontramos Averell Harriman; vários Tafts, inclusive William Howard, o homem que se tornou presidente dos EUA em 1908; e o ex-assessor de Segurança Nacional, arquiteto da guerra do Vietnã, biógrafo de Stimson e ex-porta-voz principal do governo, McGeorge Bundy, do clã Lowell de Boston. Está claro que a Skull and Bones constitui uma das mais importantes avenidas de acesso às posições de poder no Departamento de Estado e, depois de 1947, na Agência Central de Inteligência (CIA). Os rituais e cerimônias da Skull and Bones permanecem secretos, embora esteja bem estabelecido que envolvem o uso de restos humanos.

Recentemente, a Skull and Bones passou por maus pedaços devido à sua regra de admitir “apenas homens”. Em 1991, para não admitir mulheres em seus quadros, o clube foi suspenso *por sua própria comissão de alunos* por um ano, mas, posteriormente, concordou em admiti-las.

32. Ver *American Leviathan, op.cit.* O Fundo Draper/Comitê da Crise Populacional acredita que o crescimento populacional, particularmente de raças não-brancas, é uma questão de segurança nacional para os Estados Unidos e tem promovido a “guerra de população” ou o uso da guerra para reduzir a população no setor em desenvolvimento como política nacional dos Estados Unidos. Tanto William Draper Jr. quanto William Draper III tiveram longas carreiras no “serviço público” e suas políticas foram promovidas por George Bush desde os seus primeiros anos como deputado.

33. Os humoristas, talvez, digam que isso pode ser responsável pelas tendências de sodomia entre alguns estratos sociais britânicos.

34. Loemker, *op.cit.*, pp. 1095-1169.

35. Ver Alfred O'Rahilly, *Electromagnetic Theory, A Critical Examination of Fundamentals*, vols. I e II (New York: Dover, 1965), reedição do original de 1938, intitulado *Eletromagnetism*, para uma documentação das falsificações de Maxwell com relação à eletrodinâmica de Weber-Gauss-Riemann e às famosas experiências de Ampère (pp. 110-13, por exemplo).

Um trabalho mais recente detalhando as falsificações de Maxwell a este respeito, e revendo a evidência experimental que as demonstram, é *Ampère-Neumann Electrodynamics of Metals*, de Peter Graneau (Nonantum, Mass.: Hadronic Press, 1985). Uma possível implicação maior desta falsificação por Maxwell, em termos de trabalho científico de ponta, é exemplificada pelas recentes e controversas experiências sobre a "fusão a frio", vistas, por exemplo, no recente ensaio "Nuclear Energy Release in Metals", de F.J. Mayer e J.R. Reitz, in *Fusion Technology*, Vol. 19., May 1991, pp. 552-57, com o relato da formação de nêutrons virtuais por meio da condensação de elétrons sobre prótons. De acordo com a falsificação de Maxwell, a condensação de elétrons sobre prótons para formar nêutrons virtuais (hídrons) é impossível, ao passo que do ponto de vista da eletrodinâmica de Ampère-Weber-Gauss e de acordo com os cálculos pormenorizados do falecido Dr. Robert J. Moon, da Universidade de Chicago, ela é possível.

36. Ver White, *The New Dark Ages Conspiracy*, *op.cit.*, pp.206-7.

37. Ver "Plato's *Timaeus*: The Basis of Modern Science", *Campaigner*, Vol. 13, No. 1, February 1980.

38. Ouvimos falar dos bogomilos pela primeira vez no século X d.C., na Bulgária. Em búlgaro, *bogomil* significa "amado de Deus" e pode ser que seu fundador usasse este nome. Entre as suas crenças, está aquela caracteristicamente gnóstica, de que o Pai de Jesus Cristo não era o criador do mundo. Para os bogomilos e, depois, os cátaros, o poder do demônio atuava por intermédio da natureza e das relações do mundo material. Já que Deus Pai, acreditavam, não poderia ter criado um instrumento do mal (isto é, o mundo), era lógico supor que o demônio (Satanael) não só frustrava as intenções de Deus Pai, mas tinha construído o palco do mundo exatamente para este fim. Este seria, de fatom um mundo depravado. Ligar-se ao mundo era, portanto, um mal e a compreensão da fonte do mal, unida ao desejo fervoroso de se livrar dele pela prática virtuosa de uma religião de amor e bondade, eram a salvação. Era-se redimido para o Céu pelo conhecimento do Bom Deus. Em resumo, a matéria e o espírito nunca poderiam coabitar. Esta divisão e seus correspondentes princípios do bem e do mal, da luz e das trevas, é genericamente chamada de dualismo - a doutrina de dois princípios opostos entre os quais o homem é atraído. Ver também Tobias Churton, *The Gnostics* (London: George Weidenfeld and Nicolson, 1987).

O culto era conhecido na França como culto búlgaro ou *Les Bougres*, que foi traduzido em inglês como *Buggers*. Devido à perversão sexual

peculiar do culto - isto é, a crença de que um homem, ao colocar sêmen em uma mulher para engravidá-la, estava propagando a carne, e isto era pecado - recorria a vários outros tipos de atividade sexual, e o nome *bugger* se tornou associado em inglês com o homossexualismo.

O que os bogomilos e seus seguidores, os rosacruz e empiristas, fizeram ao separar o espírito humano de tudo que envolva a carne humana, levou diretamente à doutrina do Iluminismo - a separação entre *Naturwissenschaft* e *Geisteswissenschaft*.

Embora o catarismo se espalhase pelo sul da França e o norte da Itália, ele prevaleceu especialmente no Languedoc, a ponto que a condenação de heréticos pelo concílio celebrado na cidade de Albi, em 1176, levou a que fossem geralmente conhecidos como albigenses. A heresia tinha suas raízes em movimentos religiosos muito mais antigos, mas não se consegue atribuir nenhuma data precisa à sua primeira aparição no Languedoc. O mesmo não ocorre em relação ao seu final. Em 1244, o catarismo e tudo que ele propugnava conheceu um fim violento e catastrófico com a queda de Montsegur. Em 16 de março de 1244, mais de 200 cátaros "perfeitos" - hereges, aos olhos da Igreja Católica - foram retirados do castelo de Montsegur, nos contrafortes dos Pirineus, e queimados vivos nos campos abaixo.

Ver também Walter Birks e R.A. Gilbert, *The Treasure of Montsegur: A Study of the Cathar Heresy and the Nature of the Cathar Secret* (The Aquarian Press, 1987).

Tanto os cátaros quanto os albigenses eram basicamente seguidores da religião do maniqueísmo, que se iniciou na Bulgária e seguiu para o norte da Itália e o sul da França. Seu líder era Manes, nascido no ano 216 d.C., crucificado e esfolado vivo pelos magos persas sob Bahram I no ano de 277. Seu nome persa era Shuraik. Ver Lady Queenborough (Edith Starr Miller), *Occult Theocracy* (California: The Christian Book Club of America, 1933). Atraído em sua juventude para o culto maniqueu, Santo Agostinho o condenou após a sua conversão ao cristianismo, em 386 d.C.

39. Isto é um trocadilho com os nomes da ex-ditadura da Alemanha Oriental. Erich Honecker (Honi) era o presidente do Partido da Unidade Socialista (SED), no poder da então Alemanha Oriental, que foi exilado na União Soviética. O general Erich Mielke era ministro da Segurança do Estado no regime da SED e, enquanto tal, chefe da temível Stasi (polícia secreta).

40. Lyndon H. LaRouche Jr., "Presidential Campaign Paper Number 5: Military Policy of the LaRouche Administration", publicado em *New Solidarity*, Aug. 18, 1979.

Em fevereiro de 1982, em uma conferência de dois dias organizada pela revista *EIR-Executive Intelligence Review*, este autor propôs que os Estados Unidos e a Rússia concordassem em prosseguir o mais rapidamente possível com o desenvolvimento de armas espaciais de raios relativísticos, capazes de destruir em vôo os proverbiais 99 por cento de todos os mísseis

balísticos com ogivas nucleares e concordassem ainda que tais armas fossem empregadas como parte de uma política para destruir armas nucleares disparadas de qualquer lugar do mundo por qualquer nação - "EIR Conference Bursts Intelligence Myths", *EIR*, Vol. 9, No. 9, March 9, 1982. Ver também Lyndon H. LaRouche Jr., "Only Beam Weapons Could Bring to an End the Kissingerian Age of Mutual Thermonuclear Terror", Policy Discussion Memorandum (National Democratic Policy Committee, 1982).

41. Para a rejeição soviética da proposta do presidente Reagan, de 23 de março de 1983, de tornar "as armas nucleares impotentes e obsoletas" por meio de um compartilhamento americano-soviético de tecnologias militares de raios, ver "World Council of Churches Conclave: A First-hand Report" e "The Two Military Faces of Yuri Andropov", *EIR*, Vol. 10, No. 33, August 30, 1983; "Beam Weapons Strategy Relaunched at Erice Conference"; e "Open Letter to Yuri Andropov: You Have Chosen to Plunge the World into War", *EIR*, Vol. 10, No. 35, September 13, 1983.

A rejeição final da oferta do presidente Reagan veio, naturalmente, sob a forma da derrubada do avião civil KAL-007 pelos soviéticos, em 1º de setembro de 1983. Ver "Moscow Goes on a Global Rampage" e "U.S. Policy toward Moscow after the KAL Incident", in *EIR*, Vol. 10, No. 36, September 20, 1983.

42. Em 9 de abril de 1977, o general George J. Keegan Jr., falando sob os auspícios do Conselho de Segurança Americano, deu a sua avaliação profissional honesta da situação estratégica corrente: "Em matéria de filosofia para ganhar uma guerra, os soviéticos... estão 20 anos à frente dos Estados Unidos em seu desenvolvimento de uma tecnologia que, acreditam, neutralizará prontamente a arma do míssil balístico...Eles agora estão testando esta tecnologia.

"A comunidade de inteligência tem estado consistentemente errada em suas estimativas do desenvolvimento da ciência soviética de amplo espectro", continuou Keegan. "Quando as pessoas falam de superioridade tecnológica neste país, estão falando de potenciais e futuros que ainda não foram comprados e pagos, distribuídos, fabricados e entregues às nossas forças... Eu não concordo em deixar de observar os controles e equilíbrios normais e que o público saiba, os líderes saibam, a imprensa saiba, deixando todo o leque de incertezas no ar - e que cometamos os tipos de erros que nos levaram a todas as guerras em que este país já esteve".

Ver *Aviation Week*, March 28, 1977 e *New Solidarity*, April 12, 1977, "Air Force General Admits: Soviet Technology '20 Years Ahead of U.S.'". No outono daquele ano, LaRouche encomendou a publicação de um relatório da Fundação de Energia de Fusão, "Sputnik of the 70s: The Science Behind the Soviets' Beam Weapon".

Ver também White, *The New Dark Ages Conspiracy*, *op.cit.*, Capítulo 2; e Lyndon H. LaRouche Jr., "Only Beam Weapons Could Bring to an End the Kissingerian Age of Mutual Thermonuclear Terror"; "The

LaRouche Doctrine: Draft Memorandum of Agreement between the United States and the U.S.S.R.”, *EIR*, Vol. 11, No. 15, April 17, 1984; e *EIR Special Report* “Global Showdown”, July 24, 1985.

43. Para uma lista dos trabalhos relevantes de Bertrand Russell, ver White, *The New Dark Ages Conspiracy*, pp. 365-390, e *EIR Special Report* “The Trilateral Conspiracy against the Constitution: Fact of Fiction?”, 1985.

44. Em outubro de 1946, Bertrand Russell, pai do assim chamado movimento pacifista, escreveu um artigo no *Bulletin of the Atomic Scientists*, defendendo a criação de um governo mundial totalitário “para preservar a paz”:

“Quando falo de um governo internacional, quero dizer um que realmente governe, não uma fachada amigável como a Liga das Nações ou uma farsa pretenciosa como as Nações Unidas em sua atual constituição. Um governo internacional... deve possuir as únicas bombas atômicas, a única fábrica para produzi-las, a única força aérea, as únicas belonaves e, em geral, o que for necessário para torná-lo irresistível...”

“O monopólio da força armada é o atributo mais necessário do governo internacional, mas ele terá, naturalmente, que exercer várias funções governamentais... para decidir todas as disputas entre diferentes nações, e precisará ter o direito de rever tratados. Terá de ser obrigado por sua constituição a intervir pela força das armas contra qualquer nação que se recuse a submeter-se ao arbítrio”.

45. Russell, em um artigo intitulado “Humanity’s Last Chance” (*Cavalcade*, Oct. 20, 1945) convocou a criação de uma confederação mundial sob tutela norte-americana e a com a condição de a única proprietária de armas nucleares. Um lugar na confederação deveria ser oferecido à União Soviética, mas “se a URSS não concordar e não aderir à confederação... estariam satisfeitas as condições para uma guerra justificada. Não seria difícil encontrar um *casus belli*”. Ver também White, *The New Dark Ages Conspiracy*, *op. cit.*, pp. 72-3.

46. O “fulcro” usado para estabelecer a Conferência Pugwash como um “canal alternativo” de negociações, idealizado pelos serviços britânico e soviético para atrelar cúmplices dos EUA, foi a Associação Mundial de Parlamentares para um Governo Mundial (WAPWG).

Em resposta às insistentes ofertas de Russell e Leo Szilard, quatro delegados oficiais soviéticos foram enviados à conferência da WAPWG em Londres, em 1955. Este evento deu partida ao lançamento fabiano da série das Conferências de Pugwash e à adoção dos acordos de dissuasão nuclear propostos por Russell por intermédio do Conselho de Relações Exteriores de Nova York, o ponto de partida da carreira diplomática de Kissinger.

Ver também Lyndon H. LaRouche Jr., “How Kissinger Tricked President Nixon on Soviet Beam Weapons”, e Lex Talionis, “The Pugwash

Papers: Kissinger Imperiled U.S. National Security: Suppressed Evidence on Soviet E-beam Program”, *EIR*, Vol.10, No. 22, June 6, 1983.

47. Para os acordos de controle de armas do Dr. Leo Szilard preparatórios a um governo federalista universal, propostos na segunda Conferência Pugwash, em Quebec, em 1958, ver *EIR Special Report* “Global Showdown”, Appendix, “Leo Szilard’s ‘Pax Russo-Americana’”.

48. Para o texto do discurso de Henry Kissinger, em de 10 de maio de 1982, no Instituto Real de Assuntos Internacionais (RIIA), intitulado “Reflections on a Partnership: British and American Attitudes to Postwar Foreign Policy”, ver *EIR*, June 1, 1982, Vol. 9, No. 21.

49. Como Kissinger se jactou posteriormente, em seu discurso de 10/5/1982, em Chatham House, durante os seus mandatos nas administrações Nixon e Ford, ele de fato trabalhava pelas costas dos presidentes, como um agente de influência para o serviço secreto britânico.

Neste discurso de 10 de maio, Kissinger disse que “a facilidade e informalidade da parceria anglo-americana tem sido uma fonte de surpresas - e de não poucos ressentimentos - para outros países. Nossa história diplomática pós-guerra está repleta de “acordos” e “conversações”, às vezes sobre assuntos críticos, nunca colocados em documentos formais... Os ingleses foram, na verdade, tão prestativos que se tornaram participantes nas deliberações internas norte-americanas, em um grau provavelmente nunca antes praticado entre nações soberanas. Durante o meu mandato, os ingleses desempenharam um papel crucial em certas negociações bilaterais com a União Soviética - na verdade, eles ajudaram a preparar o documento principal. Na minha encarnação na Casa Branca da época, mantive o Ministério das Relações Exteriores britânico melhor informado e mais engajado de perto do que o Departamento de Estado norte-americano - uma prática que, com todo afeto pelas coisas britânicas, não recomendaria que fosse permanente. Mas era sintomático... Em minhas negociações sobre a Rodésia, trabalhei a partir de uma proposta britânica, com ortografia britânica, mesmo quando não acompanhei perfeitamente a distinção entre uma proposta de trabalho e um documento aprovado pelo Gabinete”.

50. O fictício “Dr. Fantástico”, representado por Peter Sellers no famoso filme do mesmo nome, foi modelado principalmente no discurso de Szilard à segunda Conferência Pugwash, em 1958.

51. Henry A. Kissinger, *A World Restored: Metternich, Castlereagh and the Problems of Peace, 1812-1822* (Boston: Houghton Mifflin, 1973). Edição brasileira sob o título *O mundo restaurado*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1973.

A segunda estrofe de “The Masque of Anarchy: Written on the Occasion of the Massacre at Manchester” (A máscara da anarquia: escrito por ocasião do massacre em Manchester) diz:

“ Encontrei a Morte a caminho -
Tinha de Castlereagh a máscara.

Muito gentil parecia, mas cruel;
Sete mastins a seguiam;”

(I met Murder on the way/He had a mask like Castlereagh/Very smooth he looked, yet grim/Seven blood-hounds followed him)

Top Shelley Poetical Works, Thomas Hutchinson, ed. (London: Oxford University Press, 1970).

52. Henry A. Kissinger, *Nuclear Weapons and Foreign Policy*, Philip Quigg, ed. (New York: W.W. Norton & Co., 1969).

53. As duas traduções da primeira edição são: *Military Strategy*, 1st ed., com uma introdução por Raymond L. Garthoff (New York: Praeger, 1963; London, Pall Mall Press, 1963); e *Soviet Military Strategy*, 1st ed., trad. e com uma introdução analítica, anotações e material suplementar de Herbert S. Dinerstein, Leon Gouré e Thomas W. Wolfe (Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1963).

Soviet Military Strategy, 3rd ed., V.D. Sokolovskii, ed.; trad., com análise e comentário de Harriet Fast Scott (Moscow: 1968; Stanford: Stanford Research Institute, 1975), p. 298.

Conquanto a primeira edição contivesse inúmeras referências às armas de raios, a terceira edição eliminou todas estas referências, o que pode explicar porque os soviéticos demoraram 16 meses em tornar pública a terceira edição. Nesta época, houve insistentes esforços dos Estados Unidos em incluir sistemas de mísseis defensivos em todas as futuras conversações sobre redução de armas. Moscou, muito provavelmente, tinha recebido garantias de seus aliados dentro do grupo de conselheiros presidenciais dos EUA de que a Casa Branca seria engabelada pela fraude do Tratado ABM e não seria informada dos esforços soviéticos no campo dos sistemas de armas de feixe dirigido.

54. *Ibid.*

55. “EIR Conference Bursts Intelligence Myths”, *EIR*, Vol. 9, No.9, March 9, 1982.

56. *Ibid.*, Ver também *A Program for America* (The LaRouche Democratic Campaign, 1985), p. 130.

57. Lyndon H. LaRouche, Jr., “The Difference between LaRouche’s and Teller’s Role in Creating SDI”, *EIR*, Vol. 13, No. 38, May 12, 1986.

58. Na entrevista de 42 de abril de 1983 à revista alemã *Der Spiegel*, a primeira de Andropov amplamente noticiada em uma publicação ocidental, o então secretário-geral do Partido Comunista Soviético reiterou a sua completa rejeição das armas defensivas de raios.

59. Foram propostos em 1982 quatro aperfeiçoamentos sucessivos para um sistema de defesa global contra mísseis balísticos estratégicos, colocando-os separados uns dos outros a cada três a cinco anos. Para um sumário desta proposta, ver “How Beam Weapons Would Spur Recovery”, *EIR*, December 28, 1982, Vol. 9, No. 50; e Lyndon H. LaRouche Jr., *The Power of Reason: 1988* (Washington: Executive Intelligence Review,

1987), pp. 239-240. Para um resumo dos “efeitos multiplicadores” do programa proposto, ver *EIR Quarterly Economic Report*, “The Recovery that Never Was”, April 15, 1985.

O *Mark I*, avaliado em 200 bilhões de dólares de 1982, seria o uso de sistemas baseados em novos princípios físicos para dar uma margem de defesa estratégica, funcionando como inibidor estratégico sem aumentar o fator do “dedo no gatilho”; o *Mark II* seria a colocação de elementos suplementares de defesa estratégica, desenvolvidos à mesma taxa de investimentos que o *Mark I*; depois, *Mark III* e *Mark IV*. Este, introduzido ao final do século XX ou pouco depois, seria uma defesa estratégica global completa. O “retorno”, por intermédio do aumento da base de impostos, a partir dos “efeitos multiplicadores” no setor civil, deveria manter o custo total dos quatro programas sem ultrapassar o desembolso ou investimento inicial de 200 bilhões de dólares de 1982.

60. Uma SDI baseada em “sistemas de energia cinética”, como a proposta da “Fronteira Avançada” do general Daniel Graham, não é um sistema factível, física ou economicamente.

61. P.ex., o projeto de uma ferrovia de Paris a Vladivostok.

62. “Negativo” é aqui usado no sentido em que a “negação” é central na dialética kantiana da “razão prática” (como na segunda parte de sua *Crítica da razão prática*). A negatividade kantiana do termo “paz” é corretamente projetada também em todos usos do termo, como “acordos de paz”, que são consistentes com o termo “contrato social”.

63. O termo “tavistockiano” se refere à Clínica Tavistock de Londres e ao Instituto Tavistock, a seção de guerra psicológica do Serviço Secreto Britânico. A clínica, fundada e implementada na década anterior à II Guerra Mundial, sob a liderança do general Dr. John Rawlings Rees, do Dr. Eric Trist et al., está entre os principais centros de coordenação dos ataques da “Nova Era” contra a civilização cristã, especialmente desde o lançamento, em 1963, da arregimentação em massa para a contracultura neomalthusiana de drogas-sexo-“rock” dentro dos Estados Unidos da América. A “mudança de paradigma cultural” foi usada entre estes círculos de planejadores sociais profissionais para descrever a indução de mudanças profundas de crenças nas populações, para deslocar valores populares aparentemente “instintivos” de uma prática e visão-de-mundo cristãs para as dionisíacas.

64. Anton Chaitkin, *Treason in America*, 2nd ed. (New York: New Benjamin Franklin House, 1984), Part II, “The True Story of the Civil War”.

65. Konstantin George, “The U.S.-Russian Entente That Saved the Union”, *The Campaigner*, No. 2, 1978, pp. 5-33.

66. *Ibidem*.

67. Chaitkin, *Treason in America*, *op. cit.*, pp. 256-59, e Paul Kreingold, “Grant and Mexico: When the U.S. Had a Republican Military Policy”, *New Federalist*, October 23, 1990.

68. Allen Salisbury, *The Civil War and the American System: America's Battle with Britain, 1860-1876* (New York: Campaigner Publications, 1978), pp.247-51.

69. Para um relato completo da mudança na política externa francesa, ver White, *The New Dark Ages Conspiracy, op.cit.*, pp. 36-79; e Georges Michon, *The Franco-Russian Alliance: 1891-1917* (New York: Howard Fertig, Inc., 1969).

Explicando: os eventos de 1898-1904 são os relevantes para a França e as relações franco-inglesas por volta de 1900.

Em junho de 1898, o ministro das Relações Exteriores francês, Gabriel Hanotaux, foi substituído por Théophile Delcassé, que tinha consistentemente trabalhado para isolar Hanotaux no gabinete e tinha orquestrado a retirada forçada francesa diante dos ingleses em Fashoda, no Egito. Delcassé usou o final irônico do Caso Dreyfus para destruir os últimos vestígios da política de seu antecessor.

De fato, depois de dar início à malfadada expedição do capitão Marchand a Fashoda, Delcassé forçou a França a uma humilhante retirada frente ao avanço das tropas inglesas. Em 1899, Delcassé aceitou um tratado com os ingleses, estabelecendo "esferas de influência" que excluía totalmente a França do vale do Nilo. Como parte do pacote, Delcassé reinterpreto a "Aliança Dual" de Hanotaux com a Rússia como uma política de cerceamento agressivo da Alemanha. A mudança se completou com a assinatura por Delcassé da *Entente Cordiale* secreta com a Grã-Bretanha, em 1904.

70. Ver White, *op.cit.*, capítulos 1-3.

71. Salisbury, *op.cit.*, p.248. Em 11 de abril de 1865, em seu último discurso público, sobre a readmissão da Louisiana na União, Lincoln disse que "uns doze mil eleitores no até hoje estado escravagista da Louisiana juraram fidelidade à União, consideraram ser o justo poder político do Estado, fizeram eleições, organizaram um governo estadual, adotaram uma constituição de estado livre, dando o benefício das escolas públicas igualmente a negros e brancos e autorizando a legislatura a conceder o direito de voto ao homem de cor. A sua legislatura já votou para ratificar a emenda constitucional recentemente aprovada pelo Congresso, abolindo a escravidão em toda a nação. Estas doze mil pessoas estão, portanto, totalmente compromissadas com a União e a liberdade perpétua no estado".

72. Em 1902, a Alemanha, a Grã-Bretanha e a Itália cercaram a Venezuela e promoveram um bombardeio naval ao país, seguido de um embargo, para receber as suas dívidas. A administração de Roosevelt concordou publicamente com esta ação e só protestou para transformar o incidente em propaganda antialemã.

Roosevelt perverteu a intenção antiimperialista original da doutrina Monroe de John Quincy Adams com o seu infame Corolário Roosevelt, com o qual tentou arrogar o poder de polícia internacional aos Estados

Unidos. Este poder de polícia foi repetidamente usado para fins de recebimento de dívidas a serviço de banqueiros anglo-americanos e outros financistas internacionais, com o roteiro típico que incluía a tomada e arresto das alfândegas do país e o uso das taxas de importação para pagar os credores internacionais.

73. Na eleição presidencial de 1912, Theodore “Teddy” Roosevelt montou uma campanha presidencial independente com o Partido do Alce (Bullmoose Party), que dividiu o voto republicano e garantiu que Woodrow Wilson fosse eleito em lugar do titular, William Howard Taft. Assim como o Partido da Liberdade (Liberty Party) havia sido criado em 1844, em torno da questão do anti-escravagismo, unicamente com a finalidade de bloquear o acesso de Henry Clay à Presidência, o esforço do Partido do Alce ou Partido Progressista se baseava no “novo nacionalismo” de Roosevelt, um corporativismo anti-monopolista e anticorrupção, que constituiu uma iniciativa diversionista para entregar a eleição a Wilson, controlado pela família Harriman.

Anexo V

1. Em seu trabalho “Epítome da Astronomia Copernicana”, Kepler afirma: “Estas propriedades da luz foram demonstradas na ótica. As mesmas coisas são provadas por analogia no que concerne à força motora do sol, mantendo a diferença entre os trabalhos da iluminação e do movimento e entre os respectivos objetos... Mas se a luz for atenuada na razão do quadrado dos intervalos... por que, então, a virtude motora também não se torna mais fraca na razão dos quadrados, em vez de na simples?” Sua resposta é, essencialmente, que os planetas estão no plano da eclíptica, que é um círculo bidimensional, em lugar de um volume esférico. *Epítome of Copernican Astronomy* (1616-21), Book Four, Part II, “3. On the Revolution of the solar Body Arounds its Axis and Its Effect in the Movement of the Planets”, *Great Books of the Western World, 16: Ptolemy, Copernicus, Kepler*, Robert Maynard Hutchins, ed. (Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1982), pp. 894-905.

Anexo XI

1. O assunto é a axiomática da não-linearidade. Decidi atacar alguns dos problemas conceituais da não-linearidade, em contraposição aos métodos lineares da física matemática, do ponto de vista mais elementar possível, isto é, axiomático e crítico. A este respeito, algumas das fontes estão disponíveis em: David E. Smith, *A Source Book in Mathematics* (New York: Dover, 1959) e Dirk J. Struik, *Source Book in Mathematics: 1200-1800* (Cambridge: Harvard University Press, 1969) são bastante úteis, bem como algumas poucas outras fontes colaterais, como Hilbert (vide D. Hilbert e S. Cohn-Vossen, *Geometry and the Imagination* [New

York: Chelsea, 1952]). Estou olhando para isto, meu querido amigo Huyghens, umas coisas de Leibniz, as fontes de Smith e Struik, para pegar alguns dos casos mais óbvios, simples, elementares, nos quais as complexidades têm a maior dependência relativa da questão imediatamente em discussão.

Vamos considerar, apenas a título de ilustração do que estou fazendo e pensando, as páginas 312 a 316 de Struik, com os excertos de L'Hôpital.

Nas páginas 312, 313 e 314, encontramos um desenvolvimento elaborado sobre a base de duas das proposições e, nas páginas seguintes, mais excertos da mesma fonte que nos dão as proposições 163 e 164.

Agora, se tomarmos esse pequeno diagrama, descrito nas páginas 313 e 314, relativos à proposição 1, Figura 20, temos ali uma simples curva fechada, que leva à proposição de que a hipótese infinitesimal pode ser somada, para formar, digamos, o triângulo APM , equivalente ao triângulo Apm , em termos de todas as funções associadas.

É muito simples demonstrar a falácia disto. Se a curva não for simplesmente fechada, uma curva positiva simples, mas uma hipérbole, então, tentamos fazer a mesma construção e a hipótese já não é nem aproximadamente verdadeira. Falando grosseiramente, uma diferença aparentemente infinitesimal, mesmo uma diferença relativamente pequena, é suficiente para tirar tudo do prumo e, portanto não se podem fazer hipóteses infinitesimais.

O mesmo vale para o postulado 2, que começa na mesma página, e o mesmo enfoque se aplica, obviamente, por hereditariedade, aos postulados 163 e 164, na segunda seleção daquela fonte citada por Struik.

Então, embora eu pense que tudo isto é muito simples, o que devemos fazer, para fins pedagógicos, é rever as hipóteses axiomáticas que temos em Roberval. Estas hipóteses axiomáticas de Roberval, o mesmo tipo de hipóteses matemáticas, aparecem hereditariamente no caso da reflexão de L'Hôpital sobre o trabalho dos Bernoullis. Isto se evidencia nos problemas de Euler.

Portanto, se olharmos para este problema dos infinitésimos, definidos destas duas formas, descobrimos a falácia da noção do infinitesimal sempre que forem geradas descontinuidades, como em uma função de Weierstrass, ou neste caso muito mais simples, da simples aplicação singular hiperbólica a esta primeira proposição de L'Hôpital que citei.

É bastante divertido, é imediatamente acessível às pessoas. Apenas jogo isto como uma sugestão de como podemos abordar algumas destas coisas, de um ponto de vista pedagógico, e em verdade chegar às hipóteses axiomáticas mais profundas, elementares e simples que fazem com que proposições na física, bem como na matemática, dêem errado.

Anexo XIV

1. Ver LaRouche, *In Defense of Common Sense*, capítulos III-V. Ver também as notas 7 e 8 do capítulo VII deste livro.

2. LaRouche, *In Defense of Common Sense*, capítulos III-V.

3. Os três principais trabalhos de Johannes Kepler são: *Mysterium Cosmographicum* (Mistério cosmográfico), *The Secret of the Universe* (O segredo do Universo), trad. A.M. Duncan (New York: Abaris Books, 1981); *Harmonia Mundi* (Harmonia do Mundo); e *Astronomia Nova* (Astronomia nova) (Paris: Librairie Scientifique et Technique Albert Blanchard, 1979). O frontispício da tradução francesa de 1609 da *Astronomia Nova* a descreve como “explicando as causas da física celeste apresentadas com comentários sobre os movimentos do planeta Marte com base nas observações do ilustre Tycho Brahe”.

4. Kepler, *The Six-Cornered Snowflake* (O floco de neve de seis pontas), *op. cit.*

5. Ver Max Planck, *Vom Wesen der Willensfreiheit* (Frankfurt am Main: Fischer, 1990), p. 35. Para comparar, considere-se a definição de Planck, em 1949: “O que me interessava na física desde o início eram as grandes leis universais, que são importantes para todos os processos naturais, independentemente das propriedades dos corpos participantes nos processos”.

6. Huyghens, *op. cit.*; e Jean Bernoulli, “On the Brachistochrone Problem”, D.E. Smith, *A Source Book in Mathematics* (New York: 1959), pp. 644-55.

7. Não apenas os irmãos de loja Skull and Bones, Averell Harriman e Prescott Bush desempenharam importantes papéis colaboracionistas para colocar Adolf Hitler no poder na Alemanha semi-ocupada de 1932-33, mas a família Harriman, com despuddorada sinceridade, confessou a simpatia do movimento eugênico liderado por Harriman nos EUA para com as políticas de “purificação racial” do Partido Nazista.

Isto continuou com a “nova ordem mundial” liderada por George Bush, resultante da longa associação do presidente Bush com as políticas racistas (de “controle populacional”) do Fundo Draper.